

Diferença e alteridade na educação de surdos

Ricardo Janoario e Tiago Ribeiro

Diferença e alteridade são duas ideias que nos dão a pensar, convocam a abandonar o reino das dicotomias e essências que querem conformar o outro, outra, outrx em um modelo pré-estabelecido e aceitável de como ser, pensar, estar, amar, habitar o mundo... Pensar a alteridade como existência afirmativa outra que põe em xeque meu estar sendo no mundo e a diferença como relação, nesse sentido, impõe uma outra cosmovisão, qual seja: a de que a pluralidade, a complexidade e a co-presença são o que torna possível ir além de nós mesmos, na direção de um mundo alicerçado na relação entre culturas, linguagens, crenças, alteridades, diferenças.

Assim, somos à medida que o outro também é. A diferença não está ligada a nossas identidades – posta que estas são móveis e movediças –, porém ganham sentido e materialidade nisso que se passa entre nós, isto é, é relação, tensão, conflito e conversação.

Nessa esteira, o dossiê *Diferença e alteridade na educação de surdos* reúne textos que debatem acerca da educação de surdos, temática cada vez mais necessária nos dias atuais. Mais especificamente, busca fortalecer a afirmação das diferenças e da alteridade em sua potência e dimensão relacional. Por isso, reunimos autorxs que expressam suas práticas e pesquisas em educação de surdos comprometidas com o reconhecimento da surdez como experiência visual (tal qual nos provoca os estudos e pesquisas de Carlos Skliar na área da educação de surdos) e do surdo como sujeito produtor de culturas, saberes e conhecimentos, como temos insistido em nossas escritas e práticas.

Dessa maneira, os textos, aqui reunidos tratam do fenômeno educativo (no tocante à pessoa surda) abordando diferentes e importantes questões como raça, identidades e culturas surda, matizes que revelam a complexidade em torno da discussão sobre diferenças e alteridade. Segue, portanto, breve apresentação dos artigos.

O primeiro texto, intitulado *Trajatória da educação de surdos em uma escola pública de Niterói: uma aposta na conversa*, de Arina Cardoso, nos contempla com um debate sobre diferenças e educação de surdos. A autora apresenta sua pesquisa de mestrado recém-concluída, onde relata sobre estudantes surdos, professores e gestores da Escola Municipal Paulo Freire (EMPF), em Niterói, RJ. Nesse movimento, problematiza

a surdez posicionando-se fora do plano da deficiência, afirmando-a, por conseguinte, como uma experiência visual entendida para além do campo da medicalização. Assim, a autora tece um debate sobre o município citado e, conseqüentemente, seu projeto de educação bilíngue.

Inclusão no ensino superior: políticas e desafios na Universidade Federal do Acre/ Ufac, de autoria de *Karlene Ferreira de Souza, Mark Clark Assen de Carvalho e Claudia de Souza Martins Lima*, discute os processos seletivos realizados pela Universidade Federal do Acre e suas implicações para o ingresso de pessoas com deficiência e/ou transtornos globais de desenvolvimento na Educação Superior. Os autores se pautam na ideia de que a escola poderia ou deveria ser lugar de respeito, acolhimento, mudança de conceitos, combate aos estereótipos e enfretamento aos comportamentos excludentes e seletivos, como forma de combater a seletividade social e se posicionar contrária à reprodução das desigualdades.

O terceiro artigo - *Francisco – a vida no crepúsculo: laudo, implante coclear, surdez e escola* -, de Eduardo Garcia nos provoca com a reflexão sobre a palavra surdez. Para isso, apresenta um breve histórico da palavra em suas dimensões cultural e médica e, ainda, narra a história de Francisco, um menino diagnosticado com surdez. O texto traz relatos e descrições apresentadas com base na observação do desenvolvimento de um menino de sete anos, com implante coclear, matriculado numa escola bilíngue na cidade de São Paulo.

Por sua vez, o quarto artigo - *Contação de histórias na aquisição da língua escrita na educação de surdos* -, de Paulo Nedel, investiga a importância da contação de histórias na aquisição da língua portuguesa escrita como L2 para alunos surdos. Relata que a contação de histórias oferece ao aluno surdo o legado cultural ao qual ele não tem acesso se não tiver contato com indivíduos de um grupo familiar ou social com o qual possa se comunicar na língua de sinais. Destaca que o mais importante sempre será o contato das crianças com as histórias, sejam lidas para elas ou por elas, com intuito pedagógico ou como simples momento de prazer.

Ensino de língua brasileira de sinais para surdos do ensino superior: obstáculos e potencialidades - quinto texto do dossiê escrito pelas autoras Mariana Dézinho, Marcia Aparecida Rodrigues Mateus e Juliana Maria da Silva Lima, é resultado de um projeto de extensão desenvolvido no curso de Letras Libras, Licenciatura, da Universidade Federal

da Grande, no ano de 2018. As autoras relatam sobre a gramática básica da Língua Brasileira de Sinais para alunos surdos, expondo suas aproximações e distanciamentos com a língua portuguesa. O texto compartilha uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo, com abordagem teórica que discute temáticas relacionadas à surdez como: escolarização, aprendizado de L1 e L2 e acesso ao ensino superior. O artigo apresenta que a maioria dos surdos se sentem desapontados por não conhecerem a gramática de sua língua, o que resulta no obstáculo para a aprendizagem do português como segunda língua.

O sexto artigo – *“Xx é 20?”: quando o ensino de matemática para surdos se torna um espaço semiótico de construções linguísticas* –, de Renata Barbosa Dionysio e Luciana Andréia Rodrigues Furtado, apresenta uma proposta pedagógica construída para o ensino de números romanos para alunos surdos do 4º ano do Ensino Fundamental noturno, em uma escola especializada na educação de Surdos, dentro de uma perspectiva bilíngue. As autoras problematizam como os diversos signos são explorados semioticamente em prol do letramento dos discentes e, assim, as linguagens são relacionadas a partir de diferentes signos e suas equivalências. Além disso, relatam como vivência e a experiência real podem construir um cenário onde o conteúdo curricular de números romanos ganha significado associado às questões do cotidiano. Assim, sustentam a necessidade de estratégias didáticas que oportunizem mediações pedagógicas em prol do letramento do Surdo Jovem e Adulto para sua emancipação social.

O sétimo texto - *Produção e avaliação de material didático para o ensino de língua portuguesa escrita para graduandos surdos em um curso online* –, de autoria de Egley Amarolina Pereira Carvalho e Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz, traz o debate do ensino de Língua Portuguesa escrita para surdos considerando a importância de propostas que contemplem as necessidades desses aprendizes, a partir da elaboração de materiais didáticos autênticos, voltados especificamente para esse público, assim como o uso de estratégias de ensino bilíngues e de tecnologias digitais com recursos visuais. As autoras apresentam algumas ações educativas realizadas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem para trabalhar conteúdos de Português com graduandos surdos de Pedagogia online do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. O artigo mostra a importância da perspectiva bilíngue, através da qual os participantes surdos da disciplina foram estimulados a compreender e produzir textos em Libras e em Língua Portuguesa escrita.

O oitavo artigo - *A importância da língua de sinais brasileira na aquisição da linguagem e da aprendizagem* –, de Wendel de Oliveira e Ana Regina e Souza Campello, nos brinda com a importância de se manter a cultura surda dentro das instituições de ensino, a fim de que o aluno surdo venha a ter um bom desempenho educacional e social. Os autores sustentam a ideia de que a prática e a utilização da língua de sinais brasileira e tudo que envolve a cultura surda dentro da instituição de ensino se faz necessária para que ocorra um melhor desempenho educacional do aluno surdo, além de sua constituição enquanto sujeito surdo, constituído de uma identidade surda forjada por meio da Língua de Sinais. Os autores destacam, nesse sentido, a importância da aquisição da Língua de Sinais Brasileira para a criança surda, desde os primeiros meses de vida, além de apontarem o número limitado de professores surdos e professores bilíngues, o que se caracteriza como um dos maiores desafios que o aluno surdo enfrenta em uma escola de ensino regular na atualidade.

Por fim, mas não menos importante, o nono texto - **Por que ensurdecer a educação de surdos?** - de autoria de Tiago Ribeiro e Ricardo Janoario, tece um debate acerca da educação de surdos, ensaiando a proposição de um “ensurdecimento” político da pedagogia e das práticas pedagógicas com estudantes surdos; ensurdecimento que tem a ver com a afirmação de um próprio da experiência de ser surdo e de assim estar e habitar o mundo. Os autores compartilham duas cenas vividas no cotidiano escolar e, nessa direção, convidam a (re)pensar a educação das pessoas surdas e suas práticas a partir das ideias de surdidade, interculturalidade e diferenças. Igualmente, defendem a necessidade de reconhecer, legitimar e aprender com produções/ criações/ provocações que os próprios surdos fazem e nos ensinam com suas vivências, trajetórias, biografias e saberes.

Assim, esperamos que o diálogo com os textos aqui reunidos possa despertar a compreensão da pessoa surda como um sujeito forjado visualmente, através da Língua de Sinais, com uma cultura visual e uma identidade que o torna singularmente próprio no mundo. Do ponto de vista educacional, essa compreensão demanda uma série de princípios, ideias, estratégias, ações e práticas pedagógicas pensadas para o surdo e não “adaptadas” para eles, a partir do modelo ouvinte.

Compreender o surdo e sua educação a partir das ideias de diferença e alteridade provoca deslocar nossos mapas conceituais e a reorientar nossas crenças e saberes. Se o surdo é o modelo de e para si mesmo, então há que “ensurdecer” a educação. Isto é:

compreender, pensar e conversar desde uma perspectiva surda, de uma língua surda, em uma cultura surda.

Assim, convidamos os leitores a apreciarem criticamente essas produções. Além disso, esperamos que este Dossiê seja uma contribuição para múltiplos debates sobre *Diferença e alteridade na educação de surdos... Aqui, quiçá, apresentamos uma provocação a uma conversa necessária que precisa e merece continuar...*